

# Sexo, mentiras e Internet

Publicado originalmente no *Expresso* caderno XXI, 30 Novembro 1996,  
este capítulo foi entretanto substancialmente alterado.

Milhões de pessoas experimentam já novas sensações com o cibersexo e o tele-amor. Por enquanto uma única certeza: com a Internet nada será como dantes no comportamento sexual. Nem mesmo a mentira.

Al Goldstein é um sessentão batido nos negócios do sexo. Anda nisso há décadas. A *Playboy* entrevistou-o na década de 70. Al sabe que em Las Vegas há quem esteja a planear os primeiros ciberbordéis. Máquinas que criam efeitos de realidade virtual.

– São hologramas. Só que tiram a roupa – descreveu num texto publicado pela Forbes ASAP. Al conta então a história de «uma afilhada» que trabalha num prostíbulo e que lhe disse esperar impacientemente pelo ciberbordel. «Pouparei o suor e as lágrimas», é como ela sonha o novo emprego.

A frase da afilhada de Al é porventura a mais sintética que podemos encontrar para descrever o futuro sexual da humanidade, uma vez arrumadas nas nossas cabecinhas as novas tecnologias que ajudam a criar mundos virtuais. Seja a Internet, com o tele-amor (amor à distância), sejam as futuras consolas de prazer (*Segasex* vai ser a prenda para adultos no Natal do ano 2000 e qualquer coisa). Sexo sem suor nem sacrifício. Sexo sem sexo?, interrogarão os mais cépticos, os que não conseguem atingir o prazer sem a carne pelo meio. Como se o sexo, ou o amor, se reduzissem ao universo corporal. Como se o nosso primordial instrumento não fosse o cérebro.

Amor em tê-xis-tê? Sim. Amor em tê-xis-tê, numa primeira fase. Depois, abraços em vídeo-conferência. A seguir carícias feitas em Londres e recebidas em Singapura com o apoio de

sensores. Um pouco mais tarde, hologramas baratos (leia a *Playboy*, ligue o computador e veja a *playmate* no seu quarto numa representação tri-dimensional profunda). Melhoramento inevitável, logo a seguir: apalpar a *playmate*. Lá mais para o final do século XXI faremos amor com o apoio de boas próteses inteligentes, em vez dos actuais e rústicos artefactos a pilhas. Próteses capazes de ajudar os principiantes, as frígidas e os impotentes.

Uma maravilha, o futuro visto do passado.

Sexo sem suor nem sacrifício. Sem contacto físico obrigatório. Aquilo porque suspiram alguns milhões de humanos, entre prostitutas, doentes em estados terminais, infecto-contagiosos e, porque não?, pedófilos e outros tarados em geral. Esta última categoria poderá mesmo registar um grande número de adesões, quando as piores fantasias não necessitarem de vítimas reais. Irá a Justiça castigar um violador de imagens 3D? Conhecendo-se os hábitos persuasivos dos moralistas, é de admitir que sim, os violadores de imagens serão punidos. Mas como?, é o que me fascina.

Todas as perguntas se colocam neste dealbar do teleamor. Tantas quantas a imaginação do colectivo humano for capaz de colocar. Respostas, ou certezas, para já uma única: na Era Digital nada será como dantes no comportamento humano.

Bem. E entretanto?

Entretanto estamos no primeiro estádio: o amor em tê-xis-tê. Enquanto sexólogos e antropólogos como Sherry Turkle, do MIT, iniciam as primeiras investigações, os ficcionistas imaginam cenários e os filósofos proferem axiomas, o processo revolucionário segue o seu curso.

– O cibererotismo confronta-nos com o lado cerebral da sexualidade – reflecte Al Goldstein. – Que até agora nunca fora explorado. É como se sempre tivéssemos transportado esta inclinação sexual e o cibersexo lhe tivesse finalmente proporcionado florescer.

E de que maneira, a avaliar pelas minhas cruzadas ao serviço do *Expresso* na World-Wide-Web do amor. Em conjunto, milhares de cibernautas trocam mensagens pela net à procura

de parceiros. Para todas as posições e combinações. Nos *chat-rooms* ensaiam-se as trocas de personalidade. Entro com o meu nome masculino e na «sala» só por cortesia me dirigem a palavra. Saio e volto a entrar como «Nicole» e cinco minutos depois tenho o primeiro convite. Em francês, ao que parece a língua do amor para a eternidade. O machismo será uma constante enquanto os *chat-rooms* forem frequentados maioritariamente por «homens». «Homens» entre aspas significa uma entidade incorpórea, virtual, cuja cultura de origem é macha. No ciberespaço não há corpo, logo não há género sexual.

Agora vou ser «mulher». Agora entro como «gay». E porque não experimentar «lésbica»? Deve ser giro. Começamos a libertar a mente. Portanto, atenção principiantes: quando «o outro» assumir um determinado comportamento, por exemplo tipicamente feminino, isso não quer dizer que «ele» seja «ela» na vida real.

Mentiras? O amor na Internet é então um campo de mentiras?

Será melhor dizer que sim. E lembrar que a sexualidade, em si mesma, sempre foi um campo de mentiras. Nada de novo, portanto. O que é novo? Não certamente as mensagens existentes nos muitos locais de convívio. A maioria delas é igualzinha à dos anúncios de alguns tablóides e destina-se ao mesmo tipo de troca de favores, por assim dizer. Um quarentão solitário pode até procurar uma ex-soviética, desejosa de sair do seu caótico lugarejo a troco de qualquer coisa.

O que é novo é o facto de outros milhares de pessoas procurarem pela Internet um companheiro para assunto sério. Protegidas pelo anonimato inicial, deixam os complexos à entrada do teclado.

– Mulher, 41 anos, procura homem entre 35 e 50 para amizade por correio electrónico, relação curta ou longa – diz o cabeçalho de uma mensagem que, segundo o meu «casamenteiro electrónico» de Match.Com ([www.match.com](http://www.match.com)), condiz com o meu perfil. O nome escolhido para o éter foi GolfToCats.

– Esta ocupada e enérgica divorciada de 41 anos está cansada das cenas de bar! Gosto de artes, animais, dançar, viajar, golfe, homens românticos e tentar coisas novas (como este serviço e o meu computador novo)!!! Procuo alguém que me possa ajudar com este computador. Se isto lhe parece interessante e consegue imaginar dançar um «slow» à chuva ou em frente a uma lareira... então entremos em contacto. Não necessariamente para uma relação longa... mas quem sabe o que pode acontecer se eu encontrar o meu cavaleiro de armadura brilhante!

«Casamenteiros electrónicos». Os escritores de ficção científica dos anos 60 acertaram na *mouche*. Um programa procura registos numa base de dados e quando encontra dois perfis ajustáveis junta-os. A imagem tradicional do casal sorridente junto a um enorme armário com luzinhas é que falhou (tal como o preço: actualmente é um serviço gratuito na maioria dos casos. Pensamento a propósito: o Estado devia subsidiar, através dos programas de Segurança Social, estes *sites* dado o seu inegável valor enquanto serviço público): tudo se passa por correio electrónico, muitas vezes com milhares de quilómetros pelo meio. Podemos trocar fotos, claro. E até voz e, em breve, vídeo-conferenciar com o longínquo amante antes de acontecer qualquer enlace atómico (outra maneira de dizer «físico», por oposição a digital, «virtual»).

O tê-xis-tê é engraçado. Somos obrigados a aumentar a capacidade romântica e, ao mesmo tempo, literária. Sem o olhar, o trejeito, a mão como ferramentas de sedução, restamos ser brilhantes à escrita. Seduzir pela palavra, como dantes. Mas escrita desta vez. Muito mais difícil para a maior parte de nós. Mas muito mais recompensadora, porque é um exercício a dois níveis: para cativar o outro a nossa mente descobre fascínios até para nós próprios. Porque as palavras ficam registadas, podem ser relidas, copiadas, coladas noutros textos. «Palavras, leva-as o vento», a desencantada frase de tantos amantes desiludidos, é um aforismo sem cabimento no ciberespaço. Aqui, as palavras ficam. Há uma envolvência, um compromisso, muito maior. Para atenuar esse efeito refugiamo-nos no anonimato. Se quisermos. Ou precisarmos.

E até quereremos dizer quem somos na realidade.

Ou não, e manter o romance virtual.

Como lidaremos com os ciúmes de um romance virtual mantido pelo nosso companheiro? Imagine uma cena de faca-e-alguidar porque ele escreve umas coisas poéticas que alguém na Austrália lê com satisfação, e responde. Grotesco? Talvez. Talvez não.

Algumas semanas depois de escrever esta reportagem soube de uma história passada no Alentejo com uns conhecidos meus. Em síntese, e respeitando o anonimato, ele aderiu à net; começou a passar as noites, essas longas noites alentejanas invernosas em que não há telenovela que chegue, nos *chat-rooms*; conheceu outra «ela»; rebolaram, sozinhos, em virtuais quartos privados; trocaram inflamados *emails*; desconfiada, ela acabou por apanhar as «cartas»; divorciaram-se. Ele foi viver com a «outra».

Começámos por ser primatas bígamos. Depois monógamos, mais ou menos. Fiéis na carne embora, neste futuro teremos de encarar a possibilidade de conviver com a infidelidade sensual. Ler um *email* pode levar ao orgasmo. Tal como ouvir uma voz ao telefone, prática muito mais experimentada do que se julga, como descobri um dia quando um meu amigo do peito me contou dos telefonemas que troca com uma amiga dele cujo casamento transmite todos os sinais de felicidade. O que não a impede (ou ao meu amigo) de se «vir» com o telefone em punho. O *email* é a mesma coisa, um pouco mais difícil, talvez, pois não há nele dois componentes do telefone: o diálogo e a sensualidade das vozes. Há apenas palavras. É preciso ser um grande artista do têx-tê!...

– É o fim do mundo, pelo menos como eu o conheço, como o experimento desde os tempos dos negros teatros porno da Times Square. Não sei, nem quero julgar, se o que vai substituir esse mundo é uma coisa boa ou má. Até agora, o cibersexo é uma ciber-incógnita para mim. Mas como a senhora diz, poupa o suor e as lágrimas. – O velho pornógrafo Al Goldstein, editor da revista *Screw* e crítico da *Penthouse* para os filmes *x-rated*, continua básico.